



ENTREVISTAS

Acerto de Pessoa

Homenagem à João W. Nery

Dhan Tripodi Pereira Ferreira, *Universidade Federal da Bahia*

Maria Luiza V. Fernandes de Oliveira, *Universidade Federal de Sergipe*

Revisão: Felipe Bruno Martins Fernandes & Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa



Por Dante Freire. @inf3rnin



Dia 12 de fevereiro de 2020, João W. Nery, o primeiro trans-homem a passar pela cirurgia de redesignação sexual no Brasil e que nos concedeu a entrevista-alvo deste trabalho completaria 70 anos. Sua cirurgia foi realizada na época da Ditadura Militar, em 1977, tendo iniciado sua transição aos 26 anos. Nascido em 12 de fevereiro de 1950, no Rio de Janeiro, João foi a óbito no dia 26 de outubro de 2018, nos deixando devido a um câncer de pulmão. Se orgulhava de ser um ativista dos Direitos Humanos, principalmente LGBTQI+, além de também ser escritor, psicólogo de formação e professor universitário. Faz muita falta para todas e todos nós, ativistas e acadêmicos dos campos dos Estudos de Gênero, Sexualidades e Teorias Queer e, por isso, decidimos homenageá-lo publicando a transcrição de uma intervenção que fez em 2013, em disciplina de Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

No início de sua carreira, João W. Nery foi impedido de exercer a sua profissão por necessitar se registrar com uma identidade masculina falsa, pois devemos lembrar, ser trans no Brasil, na época da Ditadura Militar, era contra a lei, assim como as cirurgias e procedimentos médicos associados à transexualidade, consideradas mutilações, as quais ele se submeteu transgredindo as regras: hormonização, retirada das mamas, do útero e das trompas... João W. Nery recuperou seu título de psicólogo apenas em 2020, concedido pelo CRP-05 do Rio de Janeiro como homenagem, um ano após a sua morte, entregue à sua companheira de vida, Sheila Salewski.

Teve grande importância na vida de diversos trans-homens, como ele costumava se referir aos transmasculinos. Por alguns, era chamado até mesmo de pai, não se restringindo apenas à militância, mas ajudando e sendo solícito sempre que era procurado, sendo exemplo e referência de homem e ser humano. Em 2018 recebeu o prêmio Direitos Humanos, concedido pelo Ministério dos Direitos Humanos no Brasil, um mês após sua morte em reconhecimento à sua luta e ao seu ativismo na causa transmasculina, deixando um importante legado epistemológico - enquanto saber sobre si e para os outros transmasculinos - de resistência, ativismo e respeito pela diversidade humana.

Como veremos ao longo da entrevista e também na obra deixada por João W. Nery, trans-homens ou homens trans são pessoas designadas ao nascer com o gênero feminino, mas que ao longo de suas



vidas passaram a se identificar e vivenciar suas experiências a partir do gênero masculino. Já os homens cisgênero são aqueles designados ao nascer com o gênero masculino e que se construíram nele no decorrer de suas vidas, em maior ou menor grau. Com o passar do tempo, o movimento social passou a orientar o uso da categoria trans-homem, já que aqui a identidade trans vem antes da experiência subjetiva da masculinidade, portanto, uma escolha política entendendo que, caso usássemos a categoria homens trans, mesmo sendo primeiro homens, alguns privilégios exclusivos de homens cisgênero jamais serão acessados. Já as pessoas transmasculinas são pessoas trans que têm uma identidade de gênero que dialoga fortemente com o masculino, mas não necessariamente se autodeclaram binárias. Mas essas discussões são atuais, de nosso tempo. Na época em que a entrevista que se segue foi produzida, no ano de 2013, outras agendas e categorias circulavam nos movimentos trans. O contexto era outro!

O Ministério da Saúde, desde 2008, oferece o processo transexualizador por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Em 2009, o nome social já era reconhecido para utilização nos atendimentos pelo SUS, apesar da falta de conhecimento desse direito naquela época e, ainda hoje, por parte de profissionais e da sociedade civil, se fazendo necessário acionar documentos oficiais, como as Portarias nº 1.820, de 13 de agosto de 2009 (referente à utilização do nome social no SUS), além da nº 1.707 e nº 457, de agosto de 2008, ampliada pela nº 2.803, de 19 de novembro de 2013 (garantindo atendimento integral à saúde de pessoas trans). Em 2013 também foi permitida a utilização do nome social pelos candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), porém o decreto só foi assinado em 2016, primeira vez que se garantiu uma regra que beneficiou pessoas trans a nível federal.

Todas essas conquistas foram muito celebradas por João W. Nery, apesar de ele considerar que poucos trans-homens se envolviam nas lutas por direitos mais amplos em nossa sociedade, uma vez que grande parte da juventude estava focada em seus processos individuais. Por isso, mantinha diálogo constante com a juventude trans por meio das redes sociais ou mesmo em atividades presenciais. João W. Nery viajava o Brasil e o mundo defendendo os Direitos Humanos de pessoas LGBTQI+!

Seu nome foi associado a um projeto de lei, o PL nº 5002/2013, de autoria do ex-deputado Jean Wyllys (PSOL/RJ) e da deputada Erika Kokay (PT/DF), que reconhece o direito à identidade de gênero das



peças trans no Brasil, cabendo mencionar que esses direitos são independentes da necessidade de laudos ou autorização judicial. Muitos anos depois da entrevista, em 2018, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) lançou o Provimento nº 73, que garante a averbação de prenome e gênero no registro civil das pessoas trans, uma conquista que resultou da decisão aprovada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em março de 2018. Dessa forma, as pessoas trans caminharam alguns passos em direção à cidadania e à dignidade humana, pois um dos direitos mais básicos é o de ser tratado pelo nome e gênero com o qual a pessoa se identifica. E João W. Nery, em sua vida de militância e luta pelos nossos direitos, foi central em todas elas.

Como veremos, durante a entrevista João W. Nery fala que a masculinidade existe de formas diversas, inclusive no mundo das mulheres. Que ela não é única e, assim como a feminilidade, é uma “invenção social” que varia de acordo com a época e a cultura. Uma coisa muito importante para a qual ele chama a atenção é a quase inexistência de bibliografia sobre as transmasculinidades em 2013, inclusive para subsidiar a elaboração e implementação de políticas públicas. Hoje, em 2020, apesar de contarmos com novos estudos, ainda carecemos de mais conhecimento sobre transmasculinidades, em todas as áreas do conhecimento, no Brasil.

Alguns dos livros escritos por João W. Nery são *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984), *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois* (2011), uma versão atualizada do livro anterior, *Vidas trans: a coragem de existir* (2017), em coautoria com Amara Moira, Márcia Rocha e T. Brant, prefaciado por Laerte Coutinho e Jaqueline Gomes de Jesus. A obra *Viagem solitária* ganhou, após a sua morte, uma edição revista e ampliada com a inclusão de seu Currículo, um resumo de suas atividades, entrevistas, fotografias, textos de outros transhomens e uma apresentação de sua companheira, Sheila Salewski, que continua a sua luta pelos Direitos Humanos. Sua última obra, lançada após sua morte, foi *Velhice transviada: memórias e reflexões* (2019), um compilado de entrevistas com cerca de 20 pessoas trans de todo o Brasil. O projeto da obra foi abreviado, pela situação de saúde de João W. Nery. Todas as entrevistas foram presenciais ou encaminhadas via e-mail e só foi concluído com a ajuda do jornalista mineiro Lucas Ávila. Isso demonstra que João W. Nery estava sintonizado com os problemas de seu tempo, já que o tema da Velhice LGBT tem sido objeto de discussão, trazendo à tona as dificuldades de uma população que tem que lidar com



o preconceito e outras barreiras para sobreviver. A generosidade de João W. Nery também pode ser reconhecida através de suas contribuições para obras coletivas, acadêmicas ou militantes, dentre as quais podemos mencionar o capítulo *Transmasculinis: invisibilidade e luta* no livro *História do Movimento LGBT no Brasil* (GREEN; CAETANO; FERNANDES; QUINALHA, 2018).

A entrevista que segue foi realizada em junho de 2013, no quadro da disciplina “Tópicos Especiais em Antropologia II – Sexualidades, Homotranssexualidades e Teoria Queer”, no curso de Antropologia da UFSC. A disciplina contou com Miriam Pillar Grossi e Felipe Bruno Martins Fernandes, como docentes, e com a doutoranda Anna Carolina Horstmann Amorim, como estagiária docente. Na aula intitulada “Masculinidades e Questões Transmasculinis” estavam previstas as leituras de textos de Raewyn Connell (2013) e de trecho da tese de Simone Ávila, defendida em 2014, além de uma leitura dramatizada coletiva de trechos da primeira parte do livro *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois* (2011). Para a abertura da aula foi transmitida a gravação de uma ligação em viva-voz entre a equipe docente e João W. Nery, cuja transcrição disponibilizamos abaixo. Antes de passarmos à entrevista, cabe mencionar que, daquela época até o presente, o contexto político sofreu consideráveis mudanças e o movimento trans teve algumas conquistas, como já mencionadas, mas que importantes retrocessos, que não cabe discutirmos aqui, também se apresentaram.

Desejamos que a publicação dessa entrevista com João W. Nery inspire as novas gerações dos movimentos sociais trans a lutarem pelos seus direitos, além de homenagearmos nosso grande pioneiro na luta pela cidadania de transhomens no Brasil. João, você faz muita falta!

Felipe Bruno Martins Fernandes: Olá, João, boa tarde! É o Felipe.

João W. Nery: Oi, Felipe. Fala, querido!

Felipe: Nós estamos aqui no Instituto Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, no viva-voz, e nós estamos gravando essa conversa. Tudo bem, João?

João: Tudo ok.



Felipe: Deixa eu te contar. Hoje é nossa aula da disciplina de Sexualidades, Homotranssexualidades e Teoria Queer e vamos estudar Masculinidades e Transmasculinidades. Gostaríamos da tua visão, que você pudesse contribuir com os nossos alunos sobre essa temática. Faremos a leitura que a gente já conversou, uma leitura dramatizada de um trecho do *Viagem solitária* (2011).

João: Sim.

Felipe: Você poderia se apresentar?

João: Bom. Meu nome é João W. Nery. Eu sou escritor. Já escrevi *Erro de pessoa*, em 1984, e agora, em 2011, fiz uma releitura do primeiro livro e escrevi *Viagem solitária*. Me formei em Psicologia e fiz também especialização no que, naquela época, se chamava “Sexologia” e fui professor universitário e mestrando. Agora, depois da publicação desse meu livro, me tornei um ativista pelas causas dos Direitos Humanos e passei a atender a garotada do Facebook, virei uma espécie de “psicólogo virtual”. É isso.

Felipe: O que você acha que é importante para as alunas e os alunos da graduação em Antropologia nesse tema das masculinidades, quais os aspectos fundamentais? O que são as masculinidades?

João: Bom. Masculinidades, como o nome vai dizer, são várias. Há uma hierarquia, inclusive, dentro das masculinidades. Portanto, podem abranger o mundo dos homens, o mundo das mulheres, mas também o mundo dos transexuais, dos trans-homens. Então, basicamente, as masculinidades se referem ao gênero masculino. Foram primeiramente estudadas dentro do segmento de homens, mas hoje existem também os estudos de masculinidades entre mulheres, sobretudo entre mulheres lésbicas (HALBERSTAM, 1998). Agora a novidade é o estudo das masculinidades com foco nos trans-homens. Eu fico muito contente porque os trans-homens normalmente são vistos como mulheres masculinizadas, essa é a tendência na nossa sociedade. Enquanto não é nada disso! A nossa identidade é masculina. Fico realmente satisfeito de saber que tem um grupo estudando isso, inclusive gostaria muito de participar mais de perto do que está acontecendo nessa área, uma das coisas que eu me preocupo hoje em estudar. Tenho escrito artigos acadêmicos sobre trans-homens no ciberespaço, ou seja, tenho colocado a voz deles para serem ouvidas. Tenho a facilidade de participar de grupos fechados de transmasculinidades. Enfim, normalmente é um pessoal jovem que começa a se hormonizar agora e



ainda estão muito preocupados com o próprio umbigo. Estão preocupados em saber como é que toma hormônio, qual dosagem, o que fazer, como se vestir, como enfrentar as transfobias que sofrem... Se preocupam com tudo relativo a eles, mas poucos se focam na construção de políticas públicas. Tem alguns, evidentemente. Mas a maioria ainda precisa se conscientizar da necessidade de lutar pelos seus direitos e também de ter a questão mais clara sobre o que a patologização da transexualidade implica em nossas vidas. Eles até agora não se envolveram muito nessa questão. Mas voltando à pergunta, tanto o masculino como o feminino, como a gente está cansado de saber, sobretudo vocês que são da Antropologia, o gênero é uma invenção social que varia de tempos em tempos, de época, de cultura... Segundo Beatriz Preciado (2008), as masculinidades e as feminilidades fazem parte do nosso mundo farmacopornográfico. Mas é importante mencionar, há todo um biopoder por detrás da manipulação, mesmo dessa questão da masculinidade. Essa manipulação existe e é importante a gente pensar sobre isso.

Felipe: Lemos para a aula de hoje um texto de Simone Ávila (2014), no qual ela diz que é muito importante para os trans-homens que estão iniciando o processo e transição todos os discursos que circulam na mídia e em outros espaços. Eu gostaria de saber como foi a recepção do seu livro pelos próprios trans-homens.

João: Foi bem variada! A grande parte não sabia da transexualidade, não sabia da possibilidade de cirurgia e eram consideradas lésbicas, embora não se sentissem exatamente como tal. Com esse conhecimento e categorização, muitos saíram de quadros depressivos. Muitos vieram me agradecer! Alguns já tinham até tentado suicídio, lutaram... Então para esses, o livro foi uma luz no fim do túnel. Para outros, eu me tornei uma espécie de ícone, acho que porque eu sou velho. Fui o primeiro e sou velho. Então eu sou um pai para essa garotada. Tem uns que me chamam de pai! Enfim, fui uma referência porque escrevi sobre isso há 35 anos, numa época em que ninguém falava em transexualidade ou em cirurgia, porque era proibido naquele tempo fazer qualquer cirurgia de readequação de gênero. E era na época da Ditadura Militar ainda por cima!

Hoje eu recebo muitos pedidos de ajuda dos trans-homens, em vários níveis. E sempre indico o meu livro. Meu livro também pode ser inserido como um instrumento para esclarecer os pais, esclarecer os psicólogos que não entendem nada do assunto. Muitos trans-homens



vão aos psicólogos e chegam lá e os caras nunca ouviram falar de transexualidade, então eu digo para eles lerem. Muitos pais de transexuais vieram me procurar e pediram ajuda sobre como orientar os filhos, alguns mesmo menores de idade, mas que já se consideram trans. Vale mencionar essa medida de agora, que foi adotada em São Paulo, que vai permitir que jovens a partir de 16 anos se hormonizem ou que jovens a partir dos 12 anos usem bloqueadores¹. Sabemos que os caracteres sexuais secundários comprometem mais ainda o corpo com que a pessoa trans nasceu. Então a procura pelo meu livro é variada e acontece em vários níveis. Mas é bom lembrar que quando um deles me pede ajuda eu sempre ofereço uma lista de profissionais sensíveis às nossas questões, advogados, psicólogos, pessoas que possam ajudar os trans-homens.

Anna Carolina Horstmann Amorim: João, você poderia dar uma mensagem para as alunas e alunos que estiverem interessados em começar a pesquisar transmasculinidades ou questões de masculinidade?

João: Olha, bibliografia eu não conheço de transmasculinidades. Tem livro *Masculinidades Femininas* (HALBERSTAM, 1998), que trata das masculinidades em corpos femininos e abarca a questão das *butch*. Mas é outra subcultura, é uma discussão que vem da cultura americana... Sobre masculinidades em homens tem até bastante coisa. Agora, especificamente sobre masculinidades em trans-homens, eu realmente ainda não conheço para indicar para vocês.

Anna: Você acha que as alunas e alunos que começarem a estudar isso vão enfrentar algum tipo de dificuldade?

João: Dificuldade em encontrar bibliografia sim! Eu acho que essa é uma das dificuldades. A segunda é encontrar trans-homens dispostos a darem depoimentos pessoalmente, porque a maioria dos trans-homens se esconde. A maioria ainda não fez a cirurgia nem de mama... Vivem trancados no quarto, não querem sair. Poucos ainda começaram a se hormonizar, até porque o endocrinologista se recusa a indicar hormônios para quem não tem laudo. Tem que apresentar essa porcaria desse laudo, que impede tudo! Os hormônios masculinos estão há três meses faltando em todas as farmácias do Brasil, não sei porque a Anvisa suspendeu. Então está uma crise geral, porque quem toma hormônio não pode parar, então estão lançando mão do mercado

¹ João W. Nery faz referência ao Parecer n. 08/2013, emitido pelo Conselho Federal de Medicina em resposta à ação movida pela Defensoria Pública de SP. Ver CFM (2013).



paralelo, nas academias de ginástica, pela internet. Aí que rola o mercado paralelo. Ou então importam do Paraguai, hormônios suspeitos que a gente não sabe exatamente a procedência, o que é um perigo. Muitos jovens trans-homens se hormonizam por conta própria, porque não há cadeira na Medicina que estude a situação dos transgênero. Não existe um hormônio específico para os transgênero e sabemos que os hormônios para pessoas trans deveriam ser diferentes dos hormônios usados por pessoas cis. Então, tudo é uma grande experiência. Eu faço votos que vocês consigam superar as dificuldades e se quiserem minha ajuda, eu estou lá no Facebook “Joao W. Nery 2”, porque o primeiro está lotado...

Felipe: Eu estou no primeiro!

João: Mas se alguém quiser pesquisar essas questões eu posso indicar alguns nomes. Eu vi que existem trans-homens organizados em Florianópolis. E na minha lista de contatos, posso de repente ver se eles estão dispostos a dar algum depoimento, contribuir de alguma forma. Mas para estimular essas discussões, seria bom que vocês lutassem na universidade para abrirem uma cadeira de Gênero e Sexualidades nas Ciências Humanas pelo menos, né?

Felipe: Ah, mas nós temos.

João: Uma cadeira obrigatória!

Felipe: Ah, obrigatória ainda não temos, mas vamos lutar por isso, João!

João: Só tem uma universidade no país que é assim, a Universidade Federal da Bahia, que tem um bacharelado. É a única universidade que tem cadeira obrigatória nessa temática, no Brasil todo.

Felipe: João, em nome aqui da Universidade Federal de Santa Catarina, da nossa disciplina, muito obrigado!

Anna: Muito obrigada também!

João: Muito obrigado a vocês! É muito importante vocês estarem se dedicando a um assunto tão importante. Outra coisa! A Laerte agora criou uma tirinha sobre trans-homens!

Felipe: É verdade! Boa ideia! Eu vi na sua página do Facebook, vamos mostrar na aula para todo mundo ver.

João: Pois é, ela lançou mais duas tirinhas, que estou vendo agora aqui e talvez o nome do personagem seja “Adão”. Acho que ela



ainda não deu o nome, mas a ideia dela é essa. Foi uma sugestão minha, para fazer parceria com a Muriel. Assim dá mais visibilidade à figura do trans-homem, né?

João: Um beijo para todo mundo aí.

Apoio:



Referências consultadas

ANDRADE, André Luis Morales de. *Direitos e garantias fundamentais dos transexuais*. Disponível em: <https://aamorales90.jusbrasil.com.br/artigos/245507209/direitos-e-garantias-fundamentais-dos-transexuais>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ÁVILA, Simone Nunes. *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo*. 2014. 241 p. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *PROCESSO-CONSULTA CFM NO 32/12 – PARECER CFM NO 8/13: Terapia hormonal para adolescentes travestis e transexuais*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2013. 11 p. Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/pareceres/BR/2013/8>. Acesso em: 02 abr. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *CFP participa de evento do CRP-RJ em memória a João W. Nery, psicólogo e ativista trans*. 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-participa-de-evento-do-crp-rj-em-memoria-a-joao-w-nery-psicologo-e-ativista-trans/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013.



COSTOLLI, Anderson. *Morre ativista transexual João W. Nery, aos 68 anos, vítima de câncer*. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/10/26/interna-brasil,715407/morre-ativista-transexual-joao-w-nery-aos-68-anos-vitima-de-cancer.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2020.

GREEN, James N.; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa; QUINALHA, Renan (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Editorial, 2018.

HALBERSTAM, J. *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

HENTGES, Karine J. Resenha: Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois. In: *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*. Ponta Grossa, v.6, n. 1, 2015.

LEYA. *Viagem solitária – Nova edição*. Disponível em: <http://leya.com.br/viagem-solitaria-nova-edicao/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MARTINELLI, Andréa. *Morre João W. Nery, ativista e 1º homem trans a ser operado no Brasil*. 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/26/morre-joao-w-nery-ativista-e-10-homem-trans-a-ser-operado-no-brasil_a_23572955/?guccounter=1. Acesso em: 12 fev. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Cuidar bem da saúde de cada um faz bem para todos. Faz bem para o Brasil*. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MOIRA, Amara; NERY, João W.; ROCHA, Márcia; BRUNCH, T. *Vidas Trans: a coragem de existir*. Bauru: Astral Cultural, 2017.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro; BARBOSA, Regina Maria. Saúde e direitos da população trans. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p.1-4, 8 abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000400201&tlng=pt. Acesso em: 12 fev. 2020.

NERY, João W. *De viagem solitária ao ativista*. Biblioteca Viva. Texto parcial da palestra apresentada durante o 7º Seminário Internacional de



Bibliotecas Públicas e Comunitárias em novembro de 2014. Disponível em : http://siseb.sp.gov.br/arqs/INT_DE_VIAGEM_SOLITARIA_AO_ATIVISMO_Joao%20Walter%20Nery.pdf. Acesso em 12 fev. 2020.

NERY, João W. *Erro de Pessoa: Joana ou João?*. São Paulo: Record, 1984.

NERY, J. W. COELHO, M. T. SAMPAIO, L. L. *João W. Nery - A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista* in: Periódicus – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, Salvador, n. 4, v. 1, nov.2015-abr. 2016.

NERY, João W. *Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Editora Leya, 2011.

NERY, João W. *Velhice Transviada: memórias e reflexões*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

SALEWSKI, Sheila. *‘Um amor extraordinário’, por Sheila Salewski*. 2019. Disponível em: <http://leya.com.br/blog/um-amor-extraordinario/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SILVA, Luisa Alcantara e. *Vida Transviada: a trajetória de João W. Nery, primeiro homem trans a fazer uma cirurgia de readequação sexual no Brasil, é contada em dois livros recém-lançados*. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/joao-w-ner-y-o-primeiro-trans-homem-a-fazer-uma-cirurgia-de-readequacao-sexual-no-brasil>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ZERBINATI, João Paulo. *Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si mesmo*. Araraquara; UNESP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152491>. Acesso em: 05 fev. 2020.